



Acta Scientiarum. Human and Social Sciences

ISSN: 1679-7361

ISSN: 1807-8656

actahuman@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Bassi, Romana

Vico e a objeção moral dirigida a Francis Bacon no *De ratione* [1]
Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 42, núm. 2, 2020

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i2.52232>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307364473002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



Vico e a objeção moral dirigida a Francis Bacon no *De ratione*¹

Romana Bassi

Università degli Studi di Padova, Via 8 Febbraio 1848, 2, 35122, Padova, Itália. E-mail: romana.bassi@unipd.it

RESUMO. A homenagem a Francis Bacon com que Vico abre o *De ratione* (1709) fez passar por alto o teor da crítica que Vico dirige a Bacon nessa obra. No meu artigo, sustenta-se que, diferentemente das recentes polêmicas que tiveram por objeto a obra baconiana, a *vexatio naturae* estigmatizada por Vico não é tanto motivada pela objeção à violência exercida sobre a natureza, mas visa sobretudo a negar a plausibilidade mesma dos *desiderata* baconianos e a invalidar o projeto de *regnum hominis*, recorrendo a fórmulas precisas dos textos baconianos. Dessa crítica dirigida a Francis Bacon, não aparecem outros ecos nas posteriores obras de Vico. Pelo contrário, no *De mente heroica* (1732), Vico subscreve plenamente a exaltação baconiana da noção heroica de conhecimento.

Palavras-chaves: *De ratione*; *vexatio naturae*; limites.

Vico and the moral objection addressed to Francis Bacon in *De ratione*

ABSTRACT. The laudatory reference to Francis Bacon in the opening lines of Vico's *De ratione* (1709) has overshadowed the censorship addressed to him in this work. I argue that, unlike the recent controversy surrounding Bacon's work, the *vexatio naturae* stigmatized by Vico is not motivated on the grounds of an objection to the violence exerted on nature. Instead, it aims to refute the plausibility of Bacon's *desiderata* and to invalidate the project of *regnum hominis* by recurring to specific expressions and wordings drawn from Bacon's works. No other echo of this criticism addressed to Francis Bacon is to be found in Vico's later works. On the contrary, in *De mente heroica* (1732), Vico will fully subscribe to the Baconian exaltation of the heroic notion of knowledge, considered in this text to be beyond criticism.

Keywords: *De ratione*; *vexatio naturae*; limits.

Received on February 17, 2020.

Accepted on June 30, 2020.

Introdução²

A leitura de um Bacon empirista (Fassò, 1949; De Mas, 1959; Giglioni, 2013) está longe de ser constituída quando Vico publica o *De ratione*³ e é certamente estranha à perspectiva a partir da qual ele examina o pensador inglês. Se na *Autobiografia* (Vico, 1990) Bacon é apresentado como aquele que tem um mérito de conjugar teoria e prática, filosofia e ação política, encarnando na sua figura a convergência do plano da reflexão filosófica sobre os princípios e o plano da realidade histórica, no *De ratione* (Vico, 2014) as razões pelas quais Vico se volta a Bacon são outras. Mesmo não podendo abordar aqui o complexo discurso sobre a relação entre Vico e Bacon, que seria tanto mais necessário desenvolver depois das minuciosas análises graças às quais foram postas em questão as efetivas leituras das obras de Francis Bacon da parte de Vico⁴, é preciso ao menos ter presente que, quando profere o *De nostri temporis studiorum ratione*, Vico provavelmente ainda não elegeu Francis Bacon como seu “[...] terceiro autor” (Vico & Battistini, 1990, p. 44). Pode-se conjecturar, ao contrário, que somente o olhar retrospectivo da elaboração da *Autobiografia* o induz a colocar o pensador inglês, em companhia de Platão, Tácito e Grócio, entre as suas fontes privilegiadas.

¹ Tradução de Vladimir Chaves dos Santos* e Tascira Santonastaso. Universidade Estadual de Maringá. *E-mail: vcsantos@uem.br

² Este ensaio traz apontamentos de uma palestra apresentada em 4 de março de 2015 na Universidade de Nápoles por ocasião do ‘Prêmio Vico 2015’. Gostaria de poder agradecer a Andrea Battistini, Franco Biassuti, Fabrizio Lomonaco, Sertório de Amorim e Silva Neto e Vladimir Chaves dos Santos pela ajuda que me forneceram comentando as versões preparatórias. À Fundação Cariparo sou grata pela concessão de um *Visiting Scholar Grant* que permitiu a temporada de pesquisa junto ao *Warburg Institute* (Londres), durante a qual esta linha de pesquisa foi aprofundada. Uma magra versão preliminar, aqui substancialmente modificada e ampliada, foi publicada em língua italiana com o título *Rerum naturam vexare: desideri e limiti dell'azione umana sulla natura, nella critica di Giambattista Vico al progetto baconiano* (2016).

³ Para a bibliografia sobre o *De ratione*, recomenda-se Vico (1990, p. 1921-1924) a ser complementada com a safra das edições mais recentes: Veneziani (2000); Vico, Murari, Cacciari, Faschilli e Greco (2008); Vico e Suggi (2010); Vico & Lomonaco (2014). Sobre Bacon e Vico, vide bibliografia em Vico & Battistini (1990), a ser complementada ao menos com Pagallo (1995); Rossi (2004), que polemiza com Fattori (1994) e o reconhecimento de Nigro (2012).

⁴ Cf. Rossi (2004), uma demonstração de como na realidade Vico não teria lido o *Cogitata et visa*, embora em muitas passagens afirme ter se inspirado nessa obra para o seu próprio método.

A preleção sobre o método dos estudos abre-se sob a insígnia de ‘Franciscus Baco’. Se no *De ratione* (Vico, 2014) parece indubitável a centralidade da relação com Descartes, uma leitura abrangente da opereta, em geral, tem favorecido um enquadramento entre a polêmica anticartesiana e a *querelle des anciens et des modernes*. Essa chave de leitura, centrada sobre o aspecto do método (Campailla, 1971), colheu no *De ratione* (Vico, 2014) uma resposta ao *Discours de la methodé*⁵. Foi inevitável para os estudiosos contrapor ao distanciamento que Vico articula em relação às posições cartesianas a deferência com a qual ele se refere, ao contrário, a Francis Bacon para traçar uma noção diferente de modernidade. A alta consideração pelo Lorde Chanceler pareceria, assim, estar em linha de continuidade com os juízos altamente elogiosos expressos por Vico em relação a Bacon também nas suas obras sucessivas e significativamente na *Scienza nuova* (Vico, 1990) e na *Autobiografia*. Essa leitura tende, entretanto, a uniformizar de modo pouco justificável uma relação complexa como essa que liga Vico a uma das suas fontes mais eminentes, já que não leva em conta como muda no curso das obras do autor a consideração pela figura de Francis Bacon e por quanto ele representa aos olhos de Vico. Isso explica por que passou quase em silêncio (De Mas, 1959) a circunstância paradoxal em que na vistosa abertura do *De ratione* Vico trava, na realidade, uma polêmica, antes mesmo de Descartes, com o próprio Francis Bacon.

Nessa obra, a relação entre Vico e Bacon parece apresentar sob uma forma mais opaca, e não privada de oscilações, o quanto o filósofo napolitano deixará emergir nos escritos posteriores, e é aí que a crítica de Vico atinge um aspecto nem um pouco marginal do pensamento baconiano. Pode até parecer assustador que o teor das reservas de Vico pareça ocultar os traços distorcidos de uma atualidade um pouco surpreendente, quando é relido, hoje, através das críticas que foram feitas a Bacon nos debates ético-ambientalistas dos últimos quarenta anos. Com relação a esses últimos, todavia, as declarações de Vico parecem tudo menos ingênuas e mostram um conhecimento aprofundado das obras baconianas, perpassadas, como são, de citações implícitas. Pretende-se mostrar, aqui, como Vico volta as afirmações baconianas contra o próprio Bacon, a fim de criticar o plano do *regnum hominis*.

Vico e Bacon

Convém mover-se, preliminarmente, a partir da consideração dos motivos específicos pelos quais Vico não esconde a própria admiração em relação a Bacon, pois as razões do louvor se articulam estreitamente com aquelas da crítica, a ponto de transforma-las umas nas outras. Vico exalta a capacidade baconiana de ter indicado

[...] no áureo libreto *O progresso das ciências* [...] quais novas artes e ciências são necessárias, além daquelas que temos até agora, e até que ponto é preciso desenvolver aquelas que temos para que a sabedoria humana alcance a total perfeição (*omnino perficeretur*) (Vico & Suggi, 2010, p. 93)⁶.

A imprópria designação de *libellus*, mais que ao *De dignitate et augmentis scientiarum* (1623), deve ser referida ao apêndice, cujo título é *Novis orbis scientiarum sive desiderata*. Vico está pensando nesse novo mundo das ciências, e a capacidade de delinear quais conhecimentos devem ser elaborados, e que constituem, portanto, *desiderata*, parece ser o principal mérito pelo qual a Bacon é reservada uma posição de proeminência no discurso de Vico. Ele encarna, com seu projeto de desenvolvimento do saber, a aspiração ao aperfeiçoamento do conhecimento humano, e a aula inaugural sobre o método dos estudos abre-se com essa nota baconiana que visa fixar, antes de tudo, a perspectiva dentro da qual deve ser posta a questão do método.

Quem leu no *De ratione* um hino (Campailla, 1973) ao *De augmentis* e um elogio (De Mas, 1959) ao seu autor, atenua a dissonância que Vico faz ecoar logo depois do juízo elogioso sobre essa obra, quando acusa Bacon de mostrar-se mais digno daquele mundo de ciências do que do nosso, pois seus ‘vastos desejos (*vasta desideria*)’ transcendem as capacidades humanas. Refletindo sobre a causa, Vico sentencia: “[...] aqueles que tem o máximo que se pode ter alimentam desejos enormes e infinitos” (Vico & Suggi, 2010, p. 92-93, tradução do autor)⁷; e julga que

[...] o Verulâmio se comportou no campo das letras como se comportam nos afazeres de estado os soberanos dos mais vastos impérios, os quais, tendo alcançado o máximo poder sobre o gênero humano, se esforçam, ainda que inutilmente, por violentar com seus grandes meios a natureza (Vico & Suggi, 2010, p. 92-93).

⁵ Subrai-se felizmente a essa leitura Veneziani (2000).

⁶ A tradução foi ocasionalmente adaptada pelo autor sem ulteriores indicações. Exceto indicações diversas, a numeração das páginas para as obras de Vico remete à edição organizada por Battistini (Vico & Battistini, 1990).

⁷ *Qui summa tenent, ingentia et infinita desiderant.*

É preciso deter-se com particular atenção sobre essa passagem, já que o sintagma que Vico emprega, *rerum naturam vexare*, é uma precisa fórmula lexical e percorre insistenteamente a obra baconiana.

No plano da obra que abre a *Instauratio Magna*, Bacon tinha delineado seu próprio projeto de modo que concernisse não só à natureza ‘livre e solta (*libera ac soluta*)’, mas também à natureza “[...] constrangida e atormentada (*naturae constrictae et vexatae*) [...]”, isto é, removida à força de seu estado ordinário, pressionada e forjada mediante a arte e o ministério humano” (Bacon, 1975, p. 593)⁸. A preferência por essa segunda forma de investigação se justificava em virtude de uma maior contribuição fornecida ao conhecimento: “[...] a natureza das coisas, de fato, revela-se mais quando é vexada pela arte (*per vexationes artis*) do que quando é deixada em liberdade” (Bacon, 1975, p. 593)⁹. Vico, em seguida, encontrava-a ulteriormente reafirmada no *De augmentis*: “[...] as transformações e as mudanças da natureza não resultam tanto da natureza mesma no estado livre, quanto das provações e vexações da arte” (Bacon, 1975, p. 207)¹⁰. Nesse último caso, o contexto traçava uma similitude entre comportamento da natureza e aquele da figura mitológica de Proteu, o qual “[...] não mudava de forma senão quando era imobilizado e constrangido [...]” (Bacon, 1975, p. 206-207)¹¹, e também a versão do mito no *De sapientia veterum* enfatizava a noção de uma pesquisa experimental a partir de tratamentos que vexam e pressionam (*et materiam vexet atque urgeat*) (Bacon, 1975, p. 474) ¹².

A crítica dirigida por Vico ao *rerum naturam vexare* baconiano é conduzida em uma obra que, como foi escrito, figuraria ao lado da *Encyclopédie* como “[...] exemplo mais notável no século XVIII de uma obra diretamente inspirada por Francis Bacon” (Gianturco, 1965). Isso não impede que, tanto quanto nos é dado saber, Vico esteja entre os primeiros a relevar a problematicidade desse aspecto da teoria baconiana. Em torno dessa noção, desenvolveu-se um debate no sec. XX, inconcluso até o novo milênio. Se o imperativo de vexar a natureza implica uma violência e uma tortura, fomentadas pela visão de uma natureza feminilizada, que o cientista se propõe a estuprar (Merchant, 1980; 2006) se é, antes, nada mais que um uso metafórico ligado a uma linguagem científica em via de formação (Briggs, 1989; Soble, 1995); se, ao contrário, pressupõe uma linguagem técnica referente à modalidade experimental específica do *experimentum crucis*, que vincula a natureza com as constrições de um interrogatório a partir da modalidade judiciária (Pesic (1999; 2008) ¹³: Cada uma dessas teses projetou-se sobre o juízo moral a ser atribuído ao projeto baconiano (Jonas, 1990) e, não obstante a intimação para se abandonar tal preconceito (Pesic, 1999)¹⁴, o perfil do cientista baconiano que faz violência à natureza demonstrou-se bastante persistente (Hadot, 2006; Vickers, 2008; Park, 2008).

A crítica de Vico poderia, à primeira vista, parecer afim dessas acima enunciadas. É possível que Vico também ponha na raiz das suas próprias objeções o elemento da violência contra a natureza, e há quem tenha lido naquelas linhas:

[...] uma refutação de fundo, que é ligada aos aspectos mais arcaicos da sua experiência filosófica e ao seu catolicismo. Era a refutação disso que constitui o título maior do ensinamento baconiano: a ideia de um *regnum hominis*, o projeto de um mundo fundado sobre a violência feita à natureza, sobre a subordinação da realidade natural a fins humanos (Rossi, 1999, p. 354-355)¹⁵.

A atualidade da questão torna verossímil a ideia de que a violência contra a natureza seja o fulcro da crítica de Vico, mas isso que Vico pretendia deve ser, talvez, revisto à luz de uma série diversa de considerações. Entretanto, no contexto napolitano herdeiro da tradição dos *Investiganti*, não devia fugir o sentido de um léxico técnico, cuja origem deve ser encontrada na tradição galénica (Bigotti, 2019), para se referir ao processo do *vexatio naturae*.

O teor da crítica articula-se em torno de dois pontos: 1) o conhecimento humano é finito e imperfeito; 2) a manipulação da natureza é “[...] contra a natureza (*per naturam vetita*) [...]” (Vico & Suggi, 2010, p. 93) e Vico parece permanecer bem distante do teor das reflexões do século XX. Ele acompanha a objeção dirigida a Bacon com dois exemplos, e a sua análise revela-se fundamental para compreender melhor qual seja o

⁸ Cf. Bacon (2004, vol. XI, p. 38).

⁹ Cf. Bacon (2004, vol. XI, p. 38).

¹⁰ Cf. também Bacon (1857-1859, vol. I, p. 500): *Natura arte irritata et vexata se clarius prodit, quam cum sibi libera permittitur.*

¹¹ Cf. Bacon (1857-1859, vol. I, p. 500): *Proteus se in varias rerum facies vertere solitus est, nisi manicis arte comprehensus.*

¹² Bacon (1857-1859, vol. VI, p. 652).

¹³ Cf. ao qual responde Merchant (2008; 2013).

¹⁴ *The time has come to dismiss this idol.* Sobre a incidência da mensagem bíblica em relação a tese baconiana da ‘senhoria’ do homem sobre a natureza vide Wybrow (1991). Reporta esse discurso no âmbito do confronto entre Bacon e Vico (Lamacchia, 2000).

¹⁵ A crítica de Vico teria sido transposta no contexto cultural italiano como um processo para aperfeiçoar e completar o projeto baconiano, de acordo com Stone (1997).

objetivo da sua crítica, uma vez que o intento humano que ele retrata consistiria no “[...] cobrir os mares de pedras, velejar os montes” (Vico & Suggi, 2010, p. 93). À primeira vista, pareceria tratar-se de *exempla ficta: thought experiments*, cujo absurdo ilustraria em que sentido, segundo Vico, a manipulação da natureza estaria fora do alcance do homem. Hipotéticos e paradoxais, os exemplos aos quais ele recorre parecem mostrar ações inacessíveis ao homem, porque estão além do seu alcance: mais do que impedimentos, tratar-se-ia de impossibilidades. Vico parece pensar em uma vontade humana que tenha intenção de modificar a morfologia ambiental e a geografia humana¹⁶, mas parece duvidoso que se possa reencontrar na escolha desses exemplos uma forma de efetiva ameaça ou violência contra a natureza, dado que recobrir os mares de pedras ou velejar os montes parecem exemplos de ações impossíveis. Por essa razão, mais do que uma dinâmica de violência, o objeto da censura de Vico volta-se aos desejos caprichosos e desproporcionais: visando contradizer a plausibilidade mesma dos *desiderata* baconianos, mira aquele projeto, cuja validade evanesce quando não se reconhece os limites dentro dos quais esse deve e pode operar. Não causa tanto espanto, de resto, que uma filosofia ‘sem natureza’ (Piovani, 1990) como aquela de Vico trate o discurso baconiano sobre a *vexatio naturae* dentro da esfera humana e prática.

Seria o caso de perguntar se não se trata de exemplos propositalmente sem sentido, e para cujo fim o homem poderia querer provocar modificações do mesmo gênero imaginado por Vico. Ao contrário, essas parecem coerentes com a insistência de Bacon sobre a necessidade, a propósito do conhecimento, de colher a natureza nas suas mutações proteiformes. Trata-se, além disso, de estados que, quando se crê na proposta baconiana, incidem sobre as “[...] virtudes cardinais” da natureza, isto é, as ‘primeiras paixões e os primeiros desejos da matéria [...]’ (Bacon, 1975, p. 539), individuados nos pares peso/leveza, solidez/fluidez, densidade/raridade, calor/frio. Enfim, Vico devia ter refletido sobre a ênfase com a qual Bacon associava o elemento da verdade do conhecimento ao critério da sua utilidade, e esses exemplos, ainda que propositalmente paradoxais, podiam idealmente constar, segundo o seu juízo, dos *desiderata* baconianos, correspondendo aos plausíveis desejos humanos de percorrer o mar como se fosse coberto de pedras, ou de deslizar sobre as montanhas gozando da potência das velas. Ou quem sabe, já que o sintagma *velificare montes* não carece de ambiguidades e se presta a múltiplas interpretações, talvez Vico tenha aludido a ‘pôr velas nas montanhas’, entendendo que elas pudesse deslocar-se graças a essas? Em todo caso, os *desiderata* pelos quais Bacon é louvado, e dos quais resta um traço também no título da composição perdida da *Scienza nuova*¹⁷, aparecem aqui a Vico como desejos que, quando desmedidos, tornam-se ilegítimos e levianos: o seu risco é a excessiva vastidão (*vasta desideria*). Parece igualmente difícil considerar que aqui emerja da parte de Vico uma objeção ao uso da técnica e à sua ambiguidade¹⁸. Em vez disso, ele quer chamar a atenção sobre a limitação conatural (Harrison, 2002) ao conhecimento e à ação humana, recorrendo a exemplificações que não são tiradas dos textos baconianos.

De onde Vico tira esses exemplos é problema de solução não simples; contudo, esses exemplos podem deixar de parecer paradoxais, uma vez que se encontre a sua fonte, tanto mais quando se trata de uma fonte histórica. De resto, é possível que Vico não os pensasse como exemplos por si impossíveis, mas como exemplos de *hybris* manifestada pelo homem em casos circunscritos e circunstâncias específicas¹⁹. Um indício do contexto ao qual é oportuno voltar-se para individuar a origem das exemplificações é fornecido pelo próprio Vico através da similitude, a qual fizemos referência acima, em que Bacon é comparado ao soberano dos mais vastos impérios: o limite que os identifica reside na desmesura da sua vontade de domínio. Na dimensão histórica-heróica de ações militares surpreendentes, tanto ousadas e geniais quanto próximas da insensatez, empreendidas por grandes generais e por líderes de vastos impérios, deverá ser então procurada a raiz daqueles exemplos, que Vico parecia de outro modo inventar. Embora o desejo de *sternere saxa maria* seja apresentado em termos absolutos, desvinculado das coordenadas espaço-temporais que o reconduzem a uma dimensão histórica e a uma realidade geográfica específica, ele poderia recordar o assédio de Tiro por obra de Alexandre Magno em 332 a.C., quando a ilha fortificada de Tiro foi ligada a terra firme graças a uma passarela de pedras construída por Alexandre, segundo testemunhos de Curzio Ruzo e de Arriano.

De mais complexa interpretação revela-se o sintagma de Vico *velificare montes*, traduzido das formas mais díspares²⁰, confirmando a subentendida, implícita ambiguidade. Conforme se entenda o desejo que

¹⁶ Sobre a influência antrópica da morfologia geográfica, vide a temática dos *luci*, produto do desmatamento da selva, na *Scienza nuova*.

¹⁷ A primeira confecção da *Scienza nuova*, que Vico define escrita em forma negativa, era intitulada *Dubbi e desideri intorno ai principi della teologia de gentili* (Vico & Battistini, 1990, p. 54).

¹⁸ Sobre esse aspecto, vide o mito de Dédalo (Bacon, 1975, p. 482-483).

¹⁹ A respeito da súbita transmutação da noção de *hybris*, que se faz virtuosa e especulativa *curiositas* na idade moderna, remete-se a Battistini (2015).

²⁰ *Velificare montes* foi traduzido por Antonio Corsano “[...] radere al suolo le montagne [...]” (Vico, 1937, p. 25); Por Claudio Faschilli “navigare le montagne” (Vico et al., 2008, p.

moveria o homem a querer *velificare montes*, torna-se plausível recordar aquela empresa de engenharia militar executada pela República de Veneza, que em 1439 organizou com sucesso a expedição para transferir uma frota de navios ao lago Garda, passando através dos montes de Trento. Levada a termo por Gattamelata (Erasmo de Narni) para combater as tropas milanesas que assediavam Brescia, o evento teve notabilíssima ressonância europeia e passou aos anais como a *magnifica intrapresa* na qual foi possível assistir ao espetáculo em que se viu conduzirem *galeas per montes*²¹.

De resto, talvez nem seja necessário voltar-se às ações militares da idade moderna para lançar luz aos exemplos de exageros estigmatizados por Vico, sobretudo quando as gloriosas empresas pareçam pôr-se em ideal linha de continuidade com uma tradição consolidada desde os tempos antigos. É o caso das expedições de Xerxes nas guerras contra a Grécia, e a Raffaele Ruggiero cabe o mérito de ter evidenciado como as exemplificações de Vico podem inscrever-se com pertinência dentro do modelo da *hybris* de Xerxes:

A ponte sobre o Helesponto e o túnel do monte Athos foram percebidos no imaginário coletivo contemporâneo como uma tentativa de equiparar-se aos deuses, uma violação das imutáveis leis naturais, uma manifesta infração da ordem pré-estabelecida, para satisfazer o real desejo de ver as tropas ‘marcharem sobre o mar e navegar pelas terras’ (Ruggiero, 2001, p. 76, grifo do autor).

À fortuna do *topos*, cunhado por Heródoto (1985) e recorrente posteriormente em Cicero (2005) e Juvenal (1991), deve ter contribuído também o espelhamento desse par de ações homólogas. Mais que um túnel no monte Athos, de fato, tratou-se da abertura de um canal naveável através do istmo que liga à terra firme²² o promontório sobre o qual se ergue o monte Athos, de modo a poupar a frota persa de uma circunavegação perigosa. Diante de possíveis alternativas para evitar o péríodo da península, Heródoto já tinha julgado que a operação correspondia, de fato, a uma necessidade de mera ostentação (Heródoto, 1985)²³, mais que uma efetiva necessidade.

Além dessas, também outras ações de Xerxes, como, por exemplo, o ato de flagelar o Helesponto depois do insucesso na construção de uma ponte de barcos através do estreito de Dardanelos, denunciavam não só um desejo de expansão e de predomínio como aquele dirigido a outros povos, mas manifestavam já aos olhos dos antigos uma vontade de controle e de submissão da natureza decorrente de uma equivocada noção dos limites além dos quais a esfera do domínio humano não deveria operar. Enquanto a aspiração de Xerxes a aprisionar Netuno parecia aos historiadores mais antigos como ato de soberba e de desafio à divindade, não faltara todavia quem tivesse interpretado aqueles feitos com vivo senso de ridículo e gosto do paradoxo²⁴. Em tempos e ambientes próximos a Vico, Giacinto Gimma em sua *Fisica Sotterranea* (1730) teria depois evocado exatamente essa caricatura de Xerxe, magoado por haver desejado contrapor-se às forças da natureza²⁵. Curiosamente, Gimma punha na abertura do segundo tomo da sua obra uma passagem retirada do mito de “Esfinge, isto é, a ciência” do *De sapientia veterum* de Bacon: “[...] o verdadeiro fim da filosofia natural, mais próprio e último, é o império sobre as coisas naturais” (Bacon, 1975, p. 504). Toda interpretação baconiana do mito de Esfinge era jogada sobre esse duplo canal: a uma autoridade que se exerce sobre os homens através da ação política é contraposto aquele gênero de autoridade que se desdobra sobre a natureza através do conhecimento científico das leis naturais. Vico retomava implicitamente esse mesmo ângulo interpretativo no *incipit* do *De ratione* (Vico, 1974a), e a censura em relação a Bacon, recordando talvez essa ridicularização de Xerxes, podia motivar-se então pela exigência de precaver-se de um equivocado impulso de perseguir formas radicais do *imperium in res naturales*, por causa dos resultados não somente evanescentes ou falidos, mas também destinados a serem escarneados pelas gerações futuras.

Se as façanhas pensadas por Vico tinham sido então possíveis e eram sugeridas pelo conhecimento histórico, isso não tornava, aos seus olhos, menos levianas e menos vãs essas ações. Nessas iniciativas, ele reencontrava aquele mesmo desejo que movia Bacon a perseguir a expansão da esfera do conhecimento e da potência do homem além dos limites da legitimidade moral. A capacidade de traçar uma linha de

59); Por Maria di Benedetto “[...] coprire i monti di vele [...]” (Vico & Cristofolini, 1971, p. 788); Por Paolo Massimi, “[...] veleggiare attraverso i monti [...]” (Vico, 1974a, p. 42); Por Elio Gianturco “[...] mastering mountais with sails” (Vico, 1965, p. 4).

²¹ A cena da batalha contra a frota milanesa, ocorrida no Lago Garda, foi pintada por Tintoretto no teto da sala do Maggior Consiglio no Palazzo Ducale de Veneza. Sobre esse evento vide Renier (1967); Malvinni (2010).

²² Plínio II Viejo (1998, § 17): “[...] montem Athon Xerxes rex Persarum continentis abscondit”.

²³ Para uma análise das modalidades com as quais os autores antigos construíram a imagem de Xerxes vide Bridges (2015). Por muito tempo os historiadores duvidaram da exequibilidade da descrição fornecida por Heródoto e da existência mesmo do canal de Xerxes. Em tempos recentes, todavia, as provas arqueológicas confirmaram não só a existência e a colocação, mas também a especificidade dos detalhes sobre a sua realização (como largura e profundidade) que tinham sido registrados pelo historiador grego, vide Isserlin et al. (2003).

²⁴ Eliano (2006, p. 14): “(De platano a Xerxe amata): *Ridiculus profecto Xerxes ille erat, quod quum mari terraque, Jovis operibus, spretis, nova itinera et insolitam navigationem sibi parasset, servit platano, et arbore, coluit* (tr. lat. de Justus Vultejus)”.

²⁵ Eliano [...] chiama ridicolo Serse, che avendo sprezzato il mare e la terra, si preparò strade e navigazioni insolite, e fu poi vinto da un platano (Gimma, 1730, p. 113).

demarcação entre um desejo de conhecimento legítimo e um ilegítimo, porque vâo, desproporcionado, devia aparecer como elemento de distinção prioritária a Vico, tão imprescindível a ponto de ser o preâmbulo fundamental do inteiro *De ratione* (Vico, 1974a).

A releitura do projeto baconiano à luz da dinâmica do desejo de conhecimento induzia Vico a esclarecer que o aperfeiçoamento da sabedoria humana, diferentemente de quanto Bacon tinha manifestado, deveria estar firmemente inscrito dentro da esfera da finitude e da limitação humana. Ele percebia como um perigo a tentação, à qual considerava que Bacon tinha cedido, de tornar o empreendimento do conhecimento escravo de um desejo infinito, desproporcional em relação às capacidades humanas, tanto no plano teórico, quanto no prático. Do mesmo modo, temia que o sujeito do conhecimento pudesse equiparar-se a Deus, deturpando o alcance do próprio conhecimento, da própria vontade e da própria ação. Vico especificará, depois, que, uma vez que só se conhece aquilo que se faz, o ser humano pode alcançar um conhecimento completo da história, enquanto só Deus conhece completamente a natureza, por havê-la criado (Vico & Battistini, 1990, SN44, § 331). Devia, então, estigmatizar a tendência, da qual tinha um registro no seu tempo, de negligenciar a moral para se dedicar às ciências naturais: quando “[...] o único fim dos estudos é a verdade, nós estudamos a natureza enquanto nos parece certa, e não observamos a natureza humana, incertíssima por causa do arbítrio” (Vico & Lomonaco, 2014, p. 131).

Recolocar a questão da *vexatio naturae* dentro dessa explicação, que não remete tanto às torturas do experimento e à violência exercida sobre a natureza, mas se concentra, antes, nos desejos de conhecimento e de domínios potencialmente ilimitados, permite compreender a complexa tessitura textual com a qual Vico conduz contra Bacon uma crítica nutrida pelas referências aos próprios textos baconianos. O paralelismo com a vontade de domínio de vastos impérios, que Vico retoma, inspira-se na metáfora da *orbis scientiarum* e revela elementos da disputa renascentista sobre as artes (Garin, 1982), à qual um Vico inevitavelmente atrasado tornava a referir-se nas suas *Orazioni inaugurali* (Vico & Visconti, 1982). A tese de que, na história dos povos e das nações, os períodos de florescimento e de glória das letras seriam concomitantes e inseparáveis dos períodos de expansão e glória militar tinha sido introduzida por Marc-Antoine Muret (Muretus, 1573). Esse apontamento tinha fornecido a base, na obra baconiana do *De augmentis*, para justificar a similitude entre a figura do cientista e a imagem histórica idealizada de Alexandre Magno²⁶:

[...] a cultura não apenas exerce influência e ação sobre o mérito civil e a virtude moral, sobre as artes e a administração da paz e da política em tempos de paz, mas não exerce menor poder e eficácia na promoção da virtude e do sucesso militar e bélico, como bem se pode ver pelo exemplo de Alexandre Magno (Bacon, 1975, p. 180).

A mesma correlação entre Alexandre Magno e o cientista/descobridor voltará a apresentar-se na reflexão de Vico no *De mente heroica* (Vico, 1990), como se verá melhor mais adiante. Já no *De ratione* (Vico, 1974a), todavia, serve-se dela para virar do avesso o posicionamento baconiano: segue de perto a passagem do *De augmentis*²⁷ em que Bacon acusava Aristóteles de ter emulado o próprio aluno ao tornar-se ‘predador de doutrinas’, assim como esse último tinha sido ‘predador de terras’. Em um jogo de alusões implícitas aos textos baconianos, Vico redireciona essa mesma acusação contra Bacon, já que esse último também teria incorrido no vício da soberba e insaciabilidade, pelo qual foram maculados primeiro Alexandre Magno e depois Aristóteles²⁸. Quando se considera que a aula inaugural diz respeito à disputa sobre a superioridade do método dos antigos ou dos modernos, a opção por abrir o discurso evocando Bacon, para devolver-lhe imediatamente a mesma crítica que esse tinha dirigido a Aristóteles, pode parecer operação de argúcia refinada. Vico busca, no entanto, estabelecer uma equidistância entre os antigos e os modernos (Battistini, 2004), entendida como vontade de conjugar os melhores aspectos de ambos os métodos (Vico & Lomonaco, 2014), e o desfecho inclusivo e moderado, não obstante as animosidades baconianas contra Aristóteles, estava já pressuposto na abertura da aula inaugural no nome de Bacon. Na mesma passagem na qual esse último criticava Aristóteles apresentando-o como um Alexandre Magno do conhecimento, a sua intenção era ainda a de estabelecer “[...] uma cordial relação entre antiguidade e progresso” (Bacon, 1975, p. 226)²⁹.

²⁶ Sobre o ideal heroico do cientista, vide Steadman (1971) e Bassi (2010).

²⁷ Bacon, 1975, p. 226: “[...] quanto ao excelente Aristóteles, julgaria que esse modo de proceder tenha-o aprendido do seu aluno, com o qual [...] competia, um procurando vencer todas as opiniões e o outro todas as nações”. (Cf. Bacon, 2004, I, 97).

²⁸ Em uma curiosa inversão de papéis, Aristóteles parece apresentar-se aos olhos de Bacon mais como um aluno de Alexandre Magno, de quem absorve os exemplos menos virtuosos, do que um mestre deste, a quem cumpre transmitir o exemplo de uma vida virtuosa.

²⁹ Vide também Bacon (2004, I, 32): “Os autores antigos e todos os outros conservam a sua honra, porque aqui não se faz um confronto entre os engenhos e as capacidades, mas entre as diversas vias e os métodos. Não fazemos a parte dos juízes, mas aquela dos guias”. Cf. também a nota de Rossi (Bacon, 1975).

Mas Vico não se baseia só no *De augmentis*: em suas linhas, entrelaça múltiplos apontamentos tirados do *De sapientia veterum*, mesmo considerando “[...] mais engenhoso e douto, do que verdadeiro” (Vico & Battistini, 1990, p. 38). À dinâmica do desejo (*affectus*), Bacon tinha dedicado o mito de Dionísio, “[...] dominador de províncias e incitador de infinitas expedições” (Bacon, 1975, p. 488-489). O paralelo com Alexandre Magno, ainda que implícito, era evidente a Vico, já que Dionísio “[...] subjugou a terra e chegou aos confins da Índia” (Bacon, 1975, p. 488-489). Bacon sentenciava que o desejo “[...] não se contenta nunca com aquilo que tem, mas, com o infinito e insaciável apetite, tende ardente a coisas sempre novas” (Bacon, 1975, p. 488-489), e Vico conscientemente faz-lhe eco, contrapondo aqueles desejos³⁰ vastos, descomunais e infinitos à condição humana finita e imperfeita. Depois, no mito de Erittonio³¹, encontrava também uma avaliação minuciosa dos riscos da ação humana sobre a natureza.

Para contrabalançar as eventuais insensatas ações humanas sobre a natureza, o mito de Proteu veiculava a noção dinâmica das suas capacidades de renovação³². Não pode surpreender portanto se, frente ao insuprimível vitalismo natural, a humana *natura lapsa* parecia a Vico bastante limitada nas suas capacidades de incidir sobre a natureza de modo radical. Por essa razão, tanto Bacon quanto Vico consideram que a potência da natureza não necessita de defensores que se fazem passar por paladinos de seus direitos violados, e os exemplos paradoxais de Vico são prova disso. Isso confirma a distância entre uma visão da natureza como aquela elaborada ao longo do novo milênio, forçada a denunciar a falácia da hipótese Gaia, e essa noção vitalista segundo a qual a natureza conservaria de qualquer maneira recursos, energias e forças para reconstituir-se (Vico, 1990, SN44, § 1106). O problema, tal como Vico o percebe, ao contrário, entra inteiramente na esfera moral do controle por parte do homem dos próprios desejos, e o drama humano é percebido, agostinianamente, no desequilíbrio entre as dimensões do *nosse* e do *posse*, limitadas e finitas, e aquela do *velle*³³, que emerge das páginas baconianas contaminadas por uma aspiração infinita. Daí a invocação para conter-se o alcance dos *desiderata* dentro de limites razoáveis, ditados pela mesma limitação da capacidade de conhecimento e de ação do ser humano (Vico & Murari, 2008, p.20).

Considerações finais

Da crítica à dinâmica baconiana do desejo de conhecimento não se encontram na obra de Vico nenhum outro traço. Vários anos separam as duas aulas inaugurais *De ratione* (1709) e *De mente heroica* (1732): nesse arco de tempo Vico publica as suas obras principais, o *Diritto universale* e a *Scienza nuova*. Quando no *De mente heroica* Vico volta a referir-se ao ‘áureo *De augmentis* do grande Bacon’, convidando novamente o seu auditório à sua leitura, das precedentes reservas resta um eco muito tênu, tratando-se de um livro que, ‘salvo em poucos pontos (*si nonnulla excipias*), se deve sempre venerar e ter diante dos olhos’. A razão da admiração por essa obra aparece inalterada desde o *De ratione*: ‘[...] considerando quanto do ‘mundo das ciências’ falta ainda para emendar, suprir e até descobrir’ (Vico & Battistini, 1990, p. 396-397, grifo do autor). Diante desse empreendimento desproporcional, Vico não crê mais que seja necessário deter o desejo humano e a aspiração ao conhecimento. Alinhando-se ao projeto baconiano, ele teme talvez o abatimento e invoca a coragem de uma mente heroica, porque “[...] no amplo seio da natureza, no vasto empório das artes restam ainda bens imensos destinados a ajudar o gênero humano: bens negligenciados até agora, porque a mente heroica ainda não lhes deu a devida atenção” (Vico & Battistini, 1990, p. 399). A raiz mais próxima dessa noção heroica do conhecimento pode-se remontar a Bacon e, se a pesquisa científica torna-se empreendimento da mente heroica, a natureza dessa mente é ‘quase divina’ (Vico & Battistini, 1990, p. 387). Não deve então parecer estranho que, quando Vico apresenta o catálogo dos mais ilustres representantes da pesquisa científica e da sabedoria humana, ao lado do ‘sublime’ Galileo, do ‘grandíssimo’ Descartes, do ‘grande’ Hugo Grócio, encontre também lugar o ideal baconiano do cientista, na forma gêmea

³⁰ Cf. Bacon (1975), Bacon (1857-1859, VII) sobre a inconveniência de limitar as paixões como aspirado pelos estoicos. Bacon considera que os desejos podem revelar-se preciosos motores para o conhecimento e para a ação. Isso levará depois Vico a sustentar a possibilidade de ‘fazer dos vícios virtudes’; a propósito, vide Bassi (2015).

³¹ Bacon (1975, p. 484): “A arte, que é simbolizada pelos múltiplices usos do fogo na figura de Vulcano, cada vez que tenta violar a natureza por meio de vexações de todo gênero sobre os corpos, e se esforça por vencê-la e por submetê-la (a natureza pela solerça no operar é esboçada na figura de Minerva) raramente atinge o fim e a meta desejados. Todavia, com muito esforço e pressão (como em uma luta) faz surgir imperfeitas gerações de obras de belo aspecto, mas anormais, doentes e claudicantes nas aplicações; as quais, no entanto, são ostentadas com grande e estulta pompa pelos impostores e como que carregadas em um desfile triunfal. É possível observar frequentemente coisas assim entre as produções da química e as complexas novidades mecânicas; especialmente quando os homens, dando mais valor às suas ideias do que a necessidade de resguardar-se dos erros, se põe a lutar com a natureza”.

³² Bacon (1975, p. 474): “No entanto, se algum ministro da natureza violenta a matéria vexando-a e pressionando-a com esse deliberado propósito de reduzi-la a um nada inicial, então a matéria (já que o aniquilamento ou a verdadeira destruição não pode ser realizado senão pela onipotência de Deus), posta em tal necessidade, se transforma de várias maneiras e com admiráveis metamorfoses: de modo que ao fim, sendo a mudança circular e completada todo o ciclo, se a violência permanece, quase se reconstitui. O modo de constrição, isto é, o vínculo mais fácil e seguro, é prender a matéria com algemas, ou seja, pelas extremidades”.

³³ Cf. Vico (1974, p. 5; 1990, p. 45) onde ele afirma ter demonstrado no *Diritto universale* como “[...] a natureza do homem [...] seja tanto ‘nosse, velle, posse finitum, quod tendat ad infinitum’”.

do conquistador e do descobridor de novos mundos: atrás da dupla Alexandre Magno-Cristovão Colombo (Vico & Battistini, 1990, p. 396-397)³⁴, configura-se o perfil político e científico de Francis Bacon. Cairá aqui o veto moral enunciado no *De ratione*:

[...] pelas vossas mentes desaparecerá todo tipo de fraude, de vaidade, de impostura, exatamente porque o que aspirais é, não parecer, mas serem cultíssimos; [...] um tal bem [...] vós podeis desejar-lo como uma vossa porção daquela ‘similitude com deus’ própria de uma mente e de um ânimo imunes a qualquer contato corpóreo (Vico & Battistini, 1990, p. 381).

A uma mente heroica, convém uma virtude heroica, que evoca tanto as páginas da *Etica nicomaqueia*, quanto a missão baconiana de um cientista que se fez *homo homini deus* (Pagallo, 1998).

Referências

Bacon, F. (1857-1859). *De augmentis scientiarum*. In F. Bacon, *Works* (Vol. I). London, UK: Longman (=DAS)

Bacon, F. (1857-1859). *De sapientia veterum*. In F. Bacon, *Works* (Vol. VI). London, UK: Longman (=DSV)

Bacon, F. (1857-1859). *Works*. London, UK: Longman.

Bacon, F. (1975). *Della sapienza degli antichi*. In P. Rossi (Ed.), *Scritti filosofici* (p. 439-511). Torino, IT: UTET.

Bacon, F. (1975). *La dignità e il progresso del sapere divino ed umano*. In P. Rossi (Ed.), *Scritti filosofici* (p. 129-361). Torino, IT: UTET.

Bacon, F. (1975). *Novum organum*. In P. Rossi (Ed.), *Scritti filosofici* (p. 545-795). Torino, IT: UTET.

Bacon, F. (2004). *Instauratio Magna*. In G. Rees (Ed.), *The Oxford Francis Bacon* (Vol. XI). New York: Oxford University Press.

Bacon, F. (2004). *Novum organum*. In G. Rees (Ed.), *The Oxford Francis Bacon* (Vol. XI). New York: Oxford University Press.

Bassi, R. (2010). Francis Bacon come Alessandro Magno. L’impresa eroica della «regeneratio scientiarum». In F. Biasutti, & A. Coppola (Eds.), *Alessandro Magno in età moderna* (p. 133-150). Padova, IT: CLEUP.

Bassi, R. (2015). The new science of virtues. *Synthesis Philosophica*, 60(2), p. 189-202.

Battistini, A. (2004). *Vico tra antichi e moderni*. Bologna, IT: Il Mulino.

Battistini, A. (2015). Il mito di Prometeo in età moderna: dal peccato di *hybris* alla virtù della *curiositas*. In R. Diana (Ed.), *Le «borie» vichiane come paradigma euristico. Hybris dei popoli e dei saperi fra moderno e contemporaneo* (p. 191-208). Napoli, IT: Istituto per la Storia del Pensiero Filosofico e Scientifico moderno.

Bigotti, F. (2019). *Physiology of the soul: mind, body and matter in the galenic tradition of the late renaissance (1550-1630)*. Turnhout, BE : Brepols Publishers.

Bridges, E. (2015). *Imagining Xerxes: ancient perspectives on a persian king*. London, UK: Bloomsbury.

Briggs, J. C. (1989). *Francis Bacon and the rhetoric of nature*. Cambridge, MA, Harvard University Press.

Campailla, S. (1971). Metodo cartesiano e metodo baconiano nel *De ratione*. *Belfagor*, 26(3), 253-272.

Campailla, S. (1973). A proposito di Vico nella ‘Querelle des anciens et des modernes’. In: *Bollettino del Centro di Studi Vichiani*, 3(1), 181-192.

Cícero. (2005). *Do sumo bem e do sumo mal* (Carlos Nougué, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

De Mas, E. (1959). *Vico e Bacone*. Torino, IT: Edizioni di Filosofia.

Eliano, C. (2006). *Historias curiosas*. Madrid, ES: Gredos.

Fassò, G. (1949) *I quattro autori del Vico: Saggio sulla genesi della Scienza nuova*. Milano, IT: Giuffrè.

Fattori, M. (1994). Note su Francis Bacon a Napoli tra seicento e settecento. *Nouvelles de la République des Lettres*, XIV(I), 63-96.

Garin, E. (1982). *La disputa delle arti nel quattrocento*. Roma, IT: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.

Gianturco, E. (1965). Translator’s Introduction. In G. Vico, & E. Gianturco (Eds.), *[De nostri temporis studiorum ratione.] On the study methods of our time* (p. 3-37, Elio Gianturco, Trans. introduction and notes). Indianapolis, IN: Bobbs-Merrill.

³⁴ Sobre Cristóvão Colombo, vide Bacon (2004, I, 92).

Giglioli, G. (2013). How Bacon became baconia. In D. Garber, & S. Roux (Eds.), *The mechanization of natural philosophy* (p. 27-54). Dordrecht, NL: Springer.

Gimma, G. (1730). *Della storia naturale delle gemme, delle pietre, e di tutti i minerali, ovvero della fisica sotterranea*. Napoli, IT: Nella stamperia di Gennaro Muzio, a spese dello stesso Muzio, e di Felice Mosca.

Hadot, P. (2006). *Il velo di Iside. Storia dell'idea di natura*. Torino, IT: Einaudi.

Harrison, P. (2002). Original sin and the problem of knowledge in early modern europe. *Journal of the History of Ideas*, 63(2), 239-259.

Heródoto. (1985). *História*. (M. G. Kury, Trad. do grego, Introdução e Notas). Brasília, DF: UNB.

Isserlin, B. S. J., Jones, R. E., Karastathis, V., Papamarinopoulos, S. P., Syrides, G. E., & Uren, J. (2003). The canal of Xerxes: summary of investigations 1991-2001. *The Annual of the British School at Athens*, 98(1), 369-385.

Jonas, H. (1990). *Il principio responsabilità. Un'etica per la civiltà tecnologica*. Torino, IT: Einaudi.

Juvenal, D. G. (1991). *Sátiras* (Satire X). Madrid, ES: Gredos.

Lamacchia, A. (2000). Verità, etica e scienza. L'illusione prometeica e la sapienza poetica. In D. Di Iasio (Eds.), *Aletheia o la verità e l'altro* (p. 54-86). Bari, IT: Levante.

Malvinni, P. D. (2010). *La magnifica intrapresa. Galeas per montes conducendo* (S. Benedetti, Illustratore). Trento, IT: Curcu e Genovese.

Merchant, C. (1980). *The death of nature. women, ecology, and the scientific revolution*. San Francisco, CA: Harper and Row.

Merchant, C. (2006). The scientific revolution and the death of nature. *Isis*, 97(3), 513-533.

Merchant, C. (2008). 'The violence of impediments': Francis Bacon and the origins of experimentation. *Isis*, 99(4), 731-760.

Merchant, C. (2013). Francis Bacon and the 'vexations of art': experimentation as intervention. *The British Journal for the History of Science*, 46(4), 551-599. Doi: 10.1017/S0007087411000665

Muretus, M. A. (1573). *Oratio de laudibus litterarum, habita Romae in aede S. Eustachii XV. nov. MDLXXXIII*. Romae, IT: Haeredes Antonij Bladij.

Nigro, A. (2012). Valore del mito: ratio dicendi, artificium occultandi o inauguratio mundi mortalis. Bacone e Vico a confronto. In G. De Luca (Ed.), *Variazioni su Vico* (p. 29-44). Pisa, IT: ETS.

Pagallo, U. (1995). L'autore vichiano. In U. Pagallo, *Homo homini deus. Per un'introduzione al pensiero giuridico di Francis Bacon* (p. 129-177). Padova, IT: Cedam.

Pagallo, U. (1998). Bacon, Hobbes and the homo homini deus formula. *Hobbes Studies*, 11(1), 61-69. Doi: 10.1163/187502598X00069

Park, K. (2008). Response to Brian Vickers, 'Francis Bacon, feminist historiography, and the dominion of nature'. *Journal of the History of Ideas*, 69(1), 143-146.

Pesic, P. (1999). Wrestling with Proteus. Francis Bacon and the 'torture' of nature. *Isis*, 90(1), 81-94.

Pesic, P. (2008). Proteus rebound. *Isis*, 99(2), 304-317.

Piovani, P. (1990). Vico e la filosofia senza natura. In P. Piovani, & F. Tessitore (Eds.), *La filosofia nuova di Vico* (p. 173-208). Napoli, IT: Morano.

Plinio, Il Viejo. (1998). *Historia Natural*. Madrid, ES: Gredos.

Renier, P. (1967). *Testimonianze sul trasporto delle navi da Venezia al Garda eseguito dai Veneziani nel 1439*. Venezia, IT: [s.e.].

Rossi, P. (1999) La religione dei geroglifici e le origini della scrittura. In P. Rossi, *Le sterminate antichità e nuovi saggi vichiani* (p. 347-386). Firenze, IT: La Nuova Italia.

Rossi, P. (2004). Che tipo di scienza è la Scienza nuova di Vico. *Rivista Di Storia Della Filosofia*, LIX(II), 409-433.

Ruggiero, R. (2001). «... et leges incidere ligno». Spunti giurisprudenziali nel De ratione. *Momenti Vichiani del Primo Settecento*, 1(2), p. 75-103.

Soble, A. (1995). In defence of Bacon. *Philosophy of the Social Sciences*, 25(2), 192-215.

Steadman, J. M. (1971). Beyond Hercules: Bacon and the scientist as hero. *Studies in the Literary Imagination*, 4(1), 3-44.

Stone, H. S. (1997). *Vico's cultural history. The production and transmission of ideas in Naples 1685-1750*. Leiden, NL: Brill.

Veneziani, M. (2000). *De nostri temporis studiorum ratione di Giambattista Vico: prima redazione inedita dal ms. XIII B 55 della Biblioteca Nazionale di Napoli. Indici e ristampa anastatica dall'edizione Napoli 1709*. Firenze, IT: Olschki.

Vickers, B. (2008). Francis Bacon, feminist historiography, and the dominion of nature. In: *Journal of the History of Ideas*, 69(1), 117-141.

Vico, G. B. (1937). *Il metodo degli studi del nostro tempo* (A. Corsano, Trad., introd. e nota). Firenze, IT: Vallecchi.

Vico, G. B. (1965). *On the study methods of our time*. Indianapolis, IN: Bobbs-Merrill.

Vico, G. B. (1974). Sinopsi del diritto universale. In G. B., Vico, N. Badaloni, & P. Cristofolini (Eds.), *Opere giuridiche* (p. 3-16). Firenze, IT: Sansoni.

Vico, G. B. (1974a). *De nostri temporis studiorum ratione* (P. Massimi, Trad., introd. e nota). Roma, IT: Armando.

Vico, G. B. (1990). De Mente Heroica. In G. B. Vico, & A. Battistini (Org.), *Opere* (p. 367-401). Milano, It: Mondadori.

Vico, G. B. (1990). Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo. In G. B. Vico, & A. Battistini (Org.), *Opere [Autobiografia]* (p. 5-85). Milano, IT: Mondadori.

Vico, G. B., & Battistini, A. (1990). *Opere* (Tomo I). Milano, IT: Mondadori.

Vico, G. B., & Battistini, A. (1990). *Scienza nuova (1744)*. In G. B. Vico, *Opere* (Vol. I). Milano, IT: Mondadori.

Vico, G. B., & Cristofolini, P. (1971). *Opere filosofiche*. Firenze, IT: Sansoni.

Vico, G. B., & Lomonaco, F. (2014). *De nostri temporis studiorum ratione [De ratione]*. Pomigliano d'Arco, IT: Diogene.

Vico, G. B., & Suggi, A. (2010). *De nostri temporis studiorum ratione:[Sul metodo degli studi del nostro tempo]*. Pisa, IT: ETS.

Vico, G. B., & Visconti, G. (1982). *Le orazioni inaugurali I-VI*. Bologna, IT: Il Mulino.

Vico, G. B., Murari, A., Cacciari, M., Faschilli, C., & Greco, C. (2008). *Metafisica e metodo*. Milano, IT: Bompiani.

Wybrow, C. (1991). *The Bible, baconianism, and mastery over nature: the old testament and its modern misreading*. New York, NY: Peter Lang.